

Luis Sepúlveda
"Não se pode fazer
do bem-estar uma festa".



Entrevista

Luis Sepúlveda



“Não se pode fazer do bem-estar uma festa”

Patagónia, feita de gente não resignada, de gente que nunca se declara vencida, de gente que nunca se sente derrotada. Diferente das gentes da Europa que, habituadas a uma riqueza súbita e pouco questionada, caem agora, estupefactas, e **resignadas**. Deixaram de participar. Se hoje, três homens, os da troika, têm mais força que o Parlamento português, é porque uma maioria de cidadãos portugueses assim o permitiu. **Nesses países do Sul europeu**, de raiz católica, onde as pessoas parecem ter medo do poder. Onde o poder está associado à ideia do divino, do bem, do inquestionável. É assim que pensa Luis Sepúlveda. E, por isso, o escritor **chileno** que mora em Espanha não se admiraria se esses três homens, os da troika, propusessem a Portugal a venda dos Açores ou da Madeira. Tal como um dia, **em 2003**, o governo argentino se preparou para ceder a Patagónia aos Estados Unidos. Mas cuidado com sentimentos anti-alemães ou anti-escandinavos. Podem, também, revelar grande desconhecimento. “Quando vou a escolas da Suécia, Alemanha e Holanda e pergunto aos alunos, que têm entre 14 e 16 anos, quantos deles conhecem a Constituição Europeia, mais de metade, numa turma de 20, levanta o braço. Quando estou em **Portugal** ou em **Espanha**, não há um único aluno que conheça”, conta. Há uma grande despreocupação com a ideia da Europa, uma falta de consciencialização de um viver numa **Europa comum**, diz. Luis Sepúlveda acolheu com simpatia a social-democracia europeia. Parecia-lhe uma alternativa formidável. Mas essa social-democracia já não existe mais enquanto tal. Sim, ele **sente-se comunista**. Não, ele não milita nem quer militar em nenhum **partido político**. Porque quer ser **livre**. E ser livre não se coaduna com a militância partidária. Hoje é assim, diz. Mas, sim, todo ele é esquerda bem evidente, mas nem aí encontra projectos alternativos. Luis Sepúlveda foi guarda-pessoal de **Salvador Allende**, foi detido pela ditadura de Pinochet. Exilado, percorreu a América Latina, alistou-se nas fileiras sandinistas, na Brigada Internacional **Simón Bolívar**, contra a ditadura de **Anastácio Somoza**. Morou na Alemanha, trabalhou como motorista de autocarros, foi correspondente de guerra em Angola para o “Der Spiegel”. Autor de livros como “História de uma Gaivota e do Gato que A Ensinou a Voar” e “O Velho Que Lia Romances de Amor”, Luis Sepúlveda lançou agora “Últimas Notícias do Sul”, um livro com fotografias de Daniel Mordzinski, que nasceu como a crónica de uma viagem realizada por dois amigos. **Um livro sobre as últimas notícias do Sul...** LÚCIA CRESPO lcrespo@negocios.pt

Continua

Entrevista

Continuação

O que é que a Patagónia tem?

É um dos territórios do mundo que eu mais gosto, tenho uma ligação sentimental muito especial com a Patagónia, onde vivi quando era criança e onde regresso sempre que posso. Eu e o meu amigo Daniel, um dos melhores fotógrafos do mundo, depois de fazermos reportagens em diferentes regiões do mundo, decidimos criar algo juntos e teria que ser num lugar especial...

Gosta das gentes da Patagónia, da sua atitude, resistente, não resignada, como diz...

Pessoas que vivem em condições tão extremas, como as do Sul do mundo, onde a vida é tão difícil e tão dura, precisam de uma sociabilidade de tal maneira forte que impede a resignação. Há uma solidariedade entre elas, uma ajuda mútua, que lhes permite sobreviver, por exemplo, aos Invernos, que são extremamente duros. Na Europa, assistimos a uma estupefacção muito grande. Parece que as pessoas se declaram já vencidas. Não sabem o que fazer, e isso conduz a uma espécie de resignação. O que eu gosto nas pessoas do Sul é que nunca se sentem vencidas, derrotadas.

Essa solidariedade dos povos do Sul falta na Europa, é isso?

São muitas coisas. Nos países europeus, as pessoas habituaram-se a uma espécie de riqueza, sem perguntar de onde vinha, sem perguntar o que fazer para conservar essa riqueza. No Sul do mundo, só existe aquela riqueza que vem do trabalho, e esse esforço que é preciso fazer para alcançar as coisas dá outro sentido à vida. Se formos a qualquer café da Europa, seja em Espanha, Portugal ou Alemanha, e observarmos a quantidade de açúcar que todos os dias deitamos ao lixo... é compararmos com esta gente do Sul, que não usa açúcar, mas mel, aquele que vai buscar aos bosques, aquele que cultiva... enfim. Atribui-se outro valor às coisas. E, por isso, as pessoas são especialmente cuidadosas com o lugar onde vivem, cuidam dele.

A riqueza pode conduzir a uma certa falta de consciência social, ambiental...?

Não, não. É não acreditado na pobreza como uma virtude, é uma condição lamentável, mas quando a riqueza surge de uma forma súbita, sem maiores explicações... Quando as pessoas, para terem dado "status social", renunciaram a certas coisas, como à atitude de participação... Se hoje em dia um banco tem mais força que o Parlamento é porque os cidadãos o permitiram. Se, actualmente, três homens, como os da troika, que está em Portugal, têm mais força que o Parlamento português é que todos cidadãos portugueses, é porque uma maioria de cidadãos portugueses o permitiu. Não se trata de defender a pobreza, mas quando o bem-estar chega, há que saber muito bem de onde vem e como conservá-lo. Não se pode fazer do bem-estar uma festa.

Depois de se ter feito desse "bem-estar uma festa", justificam-se, então, as actuais medidas de austeridade?

Estas medidas de austeridade são muito cínicas pois está a pedir-se aos cidadãos que paguem pelos erros e irresponsabilidades dos grandes banqueiros e poderosos. É disso que falamos. Os representantes dos cidadãos renunciaram voluntariamente a um dever muito grande, que era o de explicar aos cidadãos como funcionava o seu

país, a economia do seu país. Mas quando todos os deputados, de todos os quadrantes políticos, aceitam as regras do jogo impostas pelos bancos, há um divórcio com os cidadãos. Há que imaginar outro modelo de sociedade, onde a política e a representação cidadã sejam mais fortes que os bancos e especuladores.

É de esquerda. Ainda se sente comunista?

Como dizia o meu amigo José Saramago, ser comunista é uma atitude face à vida, mas não é uma questão de militância. Eu não milito em nenhum partido político, precisamente por ser um homem de esquerda. Sou um homem livre. Muitos pensam que temos de ser militantes de um partido político para lutar pela liberdade. Eu não sou militante de nenhum partido político porque não quero perder a minha liberdade. Eu sei que tenho uma dada liberdade, cuido dela e conservo-a, sem concessões.

Mas ser militante de um partido político é necessariamente perder a liberdade?

Hoje em dia sim, porque não há nenhum partido político, a nível mundial, que tenha um projecto sério e coerente sobre que tipo de sociedade quer. Há alturas na história, há ciclos, nos quais os cidadãos têm que fazer um esforço imaginativo muito grande e pensar que tipo de sociedade querem. Neste momento, o paradigma é muito sim-



Na Europa, assistimos a uma estupefacção muito grande. Parece que as pessoas se declaram já vencidas.

ples: queremos uma sociedade de cidadãos ou de consumidores? Eu quero uma sociedade de cidadãos e se há que reduzir o consumo, pois então reduziremos entre todos, mas não à força ou gerando pobreza. A única coisa que estas medidas de austeridade fazem é gerar uma pobreza atroz. Estamos a viver, em muitos países da Europa, uma pobreza que queremos esquecer, superar. Estamos a chegar a níveis de pobreza do pós-guerra, e não houve nenhuma guerra. Houve, sim, uma irresponsabilidade enorme dos ricos e dos nossos representantes.

Mas por onde andam as esquerdas? O que se passa?

Faltam projectos alternativos à esquerda. O que se passou? Quando caiu o Muro de Berlim, muita da esquerda não percebeu o que tinha acontecido, que se impunham novas regras do jogo no mundo. O capitalismo não funcionou, o comunismo não funcionou, e a crise que vivemos agora, gerada pelo capitalismo, não tem uma resposta da esquerda. Começa a haver uma pequena resposta dos cidadãos, quando vemos os jovens que

estão na Praça Syntagma, em Atenas, ou os jovens do movimento 15 M em Espanha...

A resposta está nas ruas?

A rua é uma metáfora, a resposta está nos cidadãos através de organizações, de novas formas de associação, que não dependam do poder infinito da banca e disso que se chama mercado. É muito triste reconhecer que 1% da humanidade é dona de 99% da riqueza do mundo.

Refere, no seu livro, que os "privatizadores" são apontados como os "novos heróis da humanidade". Conta a história do Patagónia Express, que desaparece em 1996 enquanto transporte público...

Foi a privatização do único transporte público que havia numa região maior que a Venezuela. Essa região ficou sem transporte porque alguém decidiu que não era rentável e favoreceu outros meios de transporte que dependiam mais do petróleo. Parece-me que isso se transfere à Europa quando assistimos à privatização da saúde, da educação...

Conta que, em 2003, o governo argentino preparava-se para ceder a Patagónia aos Estados Unidos para saldar a sua dívida externa...

Sim, sim, isso é verdade e descobriu-se através de uma investigação do "Le Monde" e do "Nouvel Observateur". Descobriu-se que a Patagónia argentina estava destinada a ser a estrela número 52 dos Estados Unidos, e foi a pressão cidadã que o impediu.

Algo semelhante parece ter sido sugerido à Grécia...

Sim, sim, para vender as suas ilhas. E eu não estranharia que um destes dias o FMI ou a troika proponham a Portugal vender os Açores ou a Madeira.

O projecto europeu está em risco?

Penso que a União Europeia é uma grande ideia, que conseguiu algumas coisas. Nos últimos 300 anos nunca a Europa viveu uma paz tão prolongada como nestes últimos 50 anos, com excepção da Guerra dos Balcãs. E os ideais de livre intercâmbio e de livre trânsito dos cidadãos traduzem uma possibilidade de mobilidade, que é muito enriquecedora. Estas são as partes boas. A parte má é que o projecto europeu não se fez com um critério de igualdade no que respeita aos deveres. E faltou uma fiscalidade comum para todos os países da UE. Hoje sabemos que os gregos eram os que menos impostos pagavam, face à evasão fiscal... Mas isso não é culpa dos cidadãos, mas dos que construíram a UE e não se preocuparam com uma fiscalidade comum. E, a partir dos anos 90, quando a UE começa a ceder soberania política ao mercado, o BCE transforma-se num organismo muito mais forte que o Parlamento europeu. As decisões tomadas no Parlamento europeu não são conhecidas pelos cidadãos. Vai-se gerando nos cidadãos um enorme desinteresse pela ideia de Europa. Quantos participaram nas últimas eleições europeias?


Mas desinteresse, existe actualmente uma desconfiança em relação à Europa enquanto projecto comum. Na Alemanha, os povos do Sul parecem ser encarados como "preguiçosos", por cá, os alemães e os povos do Norte são, por vezes, apontados como "xenófobos"...

É muito perigoso e revelador do desco-

nhecimento. O problema é que não se sabe nada. Quando vou a escolas da Suécia, Alemanha e Holanda e pergunto aos alunos, que têm entre 14 e 16 anos, quantos deles conhecem a Constituição Europeia, mais de metade, numa turma de 20, levantam o braço. Quando estou em Portugal ou em Espanha, não há um único aluno que conheça. Há uma despreocupação pela ideia de Europa e algum dia há que dizer a verdade aos cidadãos. Os fundos estruturais que, como a palavra diz, eram para estruturar a Europa, em vez terem sido aproveitados, por parte de alguns países, para se ampliarem e modernizarem, e assim se colocarem ao nível dos países mais ricos, foram aproveitados para outras coisas. Em Espanha há aeroportos aos quais não chega nenhum avião, fizeram-se várias auto-estradas que não servem para nada...

Considera, então, existir uma falta de responsabilização por parte dos países do Sul da Europa?

Por parte dos governantes, que não fizeram bem as coisas. Algum dia terão de dar explicações. E quando aparecem sentimen-



E eu não estranharia se um destes dias o FMI ou a troika propusessem a Portugal a venda dos Açores ou da Madeira.

tos anti-alemães, anti-escandinavos, as pessoas deverão documentar-se um pouco mais. Há que haver mais responsabilidade por parte dos governantes. E ninguém pode repetir mandatos dois períodos, pessoas que se eternizam no poder...

Trata-se de uma questão cultural... O que têm os países do Sul?

Trata-se de questão cultural muito séria, que tem raízes num conceito de vida, que passa por um grande medo do poder. É é justamente nos países onde a Igreja Católica foi mais forte que as coisas estão piores. Onde o poder se associa à ideia do divino, à ideia do bem e do mal. Quem tem o poder faz o bem... É uma questão cultural que espero que comece a mudar agora. Se a crise servir para alguma coisa, então que seja para gerar valores novos. Eu não creio que a mulher portuguesa de hoje fique contente quando ouve um cardeal a dizer que a crise tem um lado bom, pois possibilita que as mulheres fiquem em casa para criar os filhos...

Considera mesmo que crise poderá ter esse efeito, o de repensar valores?

A única coisa de positivo que a crise tem é isso mesmo, o de obrigar a repensar valores, a mudar as regras do jogo, a alterar os seus sistemas eleitorais, as leis de representação. Os parlamentos são pouco representativos, há minorias que não têm representação, e que ficam simplesmente fora. E é nos países do Sul da Europa que a representatividade é menos demonstrativa da realidade.

Os Países do Norte são, assim, mais representativos e democráticos?

Agora não. Já foram, mas agora não. Nos últimos anos, quer em França, quer na Alemanha, há um divórcio muito grande entre cidadãos e governos.

Há uma desconfiança crescente em relação à própria democracia.

Acredito na democracia como o melhor sistema possível, mas a democracia caiu num vício, numa espécie de casta dos representantes do povo, que se esquecem do povo e, por outro lado, temos um povo desconfiado, que começa a desconfiar também da democracia. Esquecemo-nos de controlar os nossos repre-

sentantes. A participação democrática é o controlo. Eu encarei com muita simpatia, a social-democracia europeia, parecia-me uma alternativa formidável, mas essa social-democracia, continuada por políticos como Helmut Schmidt ou Mitterrand, entregou-se absolutamente ao mercado.

Como descreveria o mundo actual?

O mundo está a mudar. Podemos aplaudir as primaveras árabes, ainda bem que os países se livraram dos ditadores e dos tiranos, mas estamos a falar de muitos países que têm petróleo. E não sabemos o que vai acontecer realmente com essa riqueza que têm. Não sabemos, ninguém pode dizer que a Líbia vai viver em paz, ninguém sabe o que se vai passar no Iraque, ninguém sabe o que se vai passar na Síria é porque sabe que o regime é, apesar de tudo, um barreira de contenção ao radicalismo naquela região. Toda a geopolítica está a mudar. E o maior perigo no mundo é a expansão do poder chinês, porque é um poder

económico que desconhece todas as conquistas civilizacionais, como os direitos humanos...

A liberdade é o maior bem?

O que falta é entender o verdadeiro sentido da liberdade, a liberdade mantém-se quando há um equilíbrio dos deveres e dos direitos. Eu tenho direitos sempre que cumprio com os meus deveres de homem livre. O primeiro dever é o de participar, como cidadão, na sociedade. Nos últimos anos, em toda a Europa, e creio que em quase todo o mundo, os cidadãos renunciaram a participar.

A literatura é uma forma de combater os males do mundo?

Serve como elemento de reflexão, mas os males do mundo são combatidos pelos cidadãos e eu, antes de escritor, sou cidadão.

Não é um activista literário, portanto?

Não, enquanto escritor, não escrevo panfletos, escrevo literatura. Enquanto cidadão, sou activista. É claro que a literatura reflecte a minha cidadania mas, primeiro que tudo, repito, sou um cidadão. ■